Dados de: Souza Neto, R. A., Dias, G. F., Silva, R. R., & Ramos, A. S. M. (no prelo). Efeitos dos Softwares de Análise de Dados Qualitativos na Qualidade de Pesquisas. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Nome do(a) entrevistado(a) (fictício): Levi
Idade: 32 anos
Nível de escolaridade: Mestre; Estudante de doutorado em Psicologia (em andamento)
Região de doutoramento: Nordeste
CAQDAS utilizado: QDA Miner
Método sem CAQDAS: Word
Técnica de análise utilizada: Análise de conteúdo
Dia da entrevista: 18/11/2016
Duração: 46m 15s
Número de páginas transcritas: 10 páginas

E1: Então, antes de mais nada eu queria saber o que levou você a usar esse software, o QDA Miner.

Levi: [nome de E1], foi como eu te falei né. Inicialmente foi uma demanda do doutorado na disciplina. Então a disciplina tinha como objetivo a análise de dados avançados, era o nome da disciplina. É mostrar programas tanto quantitativos como qualitativos que ajudasse na análise de dados. E um dos programas que foi demonstrado na disciplina, foi a utilização do QDA e teve outro que foi o Iramuteq que é outro programa que se usa também para análise de dados qualitativos. O Iramuteq eu fiquei restrito a utilização só mesmo em atividades na sala de aula para aprender a operacionalizar, mas nunca fiz a pesquisa utilizando ele. O QDA foi que realmente passou além da sala de aula e realmente eu cheguei a usar.

E1: Tem algum motivo para você não ter usado?

Levi: Atingiu as necessidades do que eu estava querendo. O Iramuteq ele trabalha uma versão de uma pesquisa qualitativa que você tem um interesse de quantificar. Vamos dizer assim, é o "small key", é o qualitativo que eu vou quantificar um dado que tô pegando. Então, para o objetivo da minha pesquisa não era tão interessante. Mas é um excelente software. Ele faz nuvem de palavras, é bem legal ele. Mas o QDA, no caso, atendia mais as minhas necessidades.

E1: Certo. Queria que você comparasse um pouco agora a sua experiência na pesquisa qualitativa sem usar o software e usando o software.

Levi: Certo. E1, é como eu estava te falando no começo né... você estava me falando do seu estudo, o que vocês querem ver... acho que quando a gente que quer analisar a qualidade sem o software e a qualidade com o software. Acho que o problema não pede... a questão de ver a qualidade. Eu acho que com ou sem a gente a qualidade. Eu acho que o com a gente vai falar é questão de facilidade. Então, é claro que se eu tenho uma média de 20, 30, 40 ou 50 entrevistas, é claro que eu utilizando um programa específica ele vai facilitar minha análise. E se eu tenho 5 ou 10 entrevistas eu posso não utilizar o programa e a minha pesquisa vai ter qualidade do mesmo jeito. Então acho que a palavra qualidade ela tem um peso muito forte, sabe?!. Se eu falasse para ti: ah, usando o Iramuteq, o QDA ou o Atlas eu vejo que minha pesquisa tem mais qualidade eu vou estar mentindo. Na verdade ele vai ter uma qualidade por que ele vai facilitar minha análise de dados com quantidade de entrevistas considerável. Mas

se eu tenho 5 ou 10 entrevistas, se eu não usar software eu vou manter qualidade na minha pesquisa do mesmo jeito. Eu acho que o instrumento, no caso o programa ele vai facilitar minha análise. Mas questão de qualidade é muito relativo.

E1: Quando você fala sem usar o software você ta falando no excel, por exemplo, ou você tá falando na mesmo, no papel, usando cartolina. Você já teve todas experiências?

Levi: No Word, na mão mesmo. Mas confesso que não na cartolina. Eu passei direto para o Word. Mas já fiz a análise de conteúdo abrindo arquivo por arquivo e fazendo ela toda no Word. Mas colocar a cartolina e fazer o mapeamento assim, não fiz assim não. Mas conheço pessoas que fizeram também...

E1: Mas então comparando essas duas experiências. A experiência sem e com. Sem considerar a qualidade, mas o processo de pesquisa e análise. Queria que você comparasse e me dissesse.

Levi: É... E1, é aquele negócio, o software ele ajuda, com certeza, porque ele vai trazer recursos que sem ele você teria muito mais dificuldade. Então, dependendo do programa que você vai utilizar, como o caso se eu for utilizar o Iramuteq, ele vai me dar recursos que o QDA não proporciona. E aí, eu vou conseguir ter um mapeamento melhor utilizando ele e visualizar melhor meus dados. Mas uma vez, como eu te disse, se eu tenho uma quantidade menor de entrevistas eu consigo fazer isso, claro, tendo mais trabalho. Porém, eu acho que a responsabilidade ainda fica a cargo do pesquisador. Então o que algumas pessoas acabem confundindo, é que as pessoas acham: ah, utilizando determinado programa na minha pesquisa qualitativa vai influenciar, ou vai me ajudar a analisar meus dados. Ajuda! Mas tem que saber que o peso e a responsabilidade de análise é do pesquisador. Ele (software) vai conduzir a uma análise mais facilitada.

E1: Certo. Eu vou querer que você detalhe mais essa informação. Então... queria que você me falasse mais. Você falou que facilita, a questão da facilitação com o uso do software. Mas o que seria essa facilitação. Queria que você detalhasse isso.

Levi: E1, eu tenho possibilidades de visualizar muito mais rápido, por exemplo, dados sócio demográficos se eu utilizo um QDA, porque na tela da esquerda eu já vou ter ali o perfil dos participantes que eu estou analisando. Eu vou ter idade, eu vou ter sexo... de acordo com o meu estudo eu já vou conseguir manusear mais fácil a entrevista, o *corpus*. E quando eu faço um estudo qualitativo sem utilizar nenhum tipo de software, eu já vou ter aquele trabalho de ter que fechar um arquivo, salvar o arquivo, pra poder abrir o outro e tá abrindo e fechando janela ou minimizando. Então, isso conduz você a se perder um pouco nessa análise. E além de ser um pouco mais demorado. Outro recurso também que o programa ajuda a gente a utiliza-lo e facilita bastante, é a questão do tempo. A gente consegue fazer análise de dados muito mais rápido e visualizar mesmo e tirar recursos como no caso do mapa de palavras que a gente consegue pelo Iramuteq, quantificar algumas palavras e o QDA a gente consegue fazer uma análise de conteúdo temática colocando diferentes cores, facilita a visualização. Então assim, cada programa específico vai te dá recursos, vai te dar vai te dar formas diferentes de você olhar pro corpus textual. E é basicamente isso. O que é interessante a gente deixar bem claro, E1, é que a responsabilidade ainda está em cima do pesquisador. O que muita gente começa a fazer estudar qualitativos e diz: “ah, eu vou fazer um estudo qualitativo, eu vou utilizar um determinado programa porque o programa vai me dar mais confiabilidade, o programa vai me dar mais segurança”. Beleza, realmente ele pode te ajudar, mas a parte de análise daquilo dali é toda a cargo do pesquisador. Então, as vezes a gente sempre volta pra aquela questão positivista das ciências naturais, dos métodos quantitativos, de que eu preciso

ter confiança, de que eu preciso dar confiabilidade, dá segurança naquilo e é até exigência nossa na academia que você precisa comprovar que aquilo ali realmente é científico. E aí o programa meio que tira um peso das suas costas, vamos dizer assim. Ele ajuda a dar um respaldo maior. Assim é a forma que eu vejo na academia. É como se ele ajudasse a dar uma credibilidade, um respaldo maior na pesquisa se você falar que você utilizou um programa para fazer a análise de dados. Mas eu sou contra, certo?! Eu acho que ajuda, mas na minha opinião, como falei no começo, acho que se você tem uma pequena quantidade de entrevistas, se você for analisar sem nenhum tipo de software, você consegue ter qualidade da mesma forma.

E1: Mas você enquanto pesquisador, você meio que respondeu, mas só pra confirmar, você enquanto pesquisador se você pega dois artigos um que não usou e outro que usou?

Levi: Se os artigos são muito parecidos, as vezes o que usou passou por cima de alguns detalhes que aquele que não usou levou em consideração. Então assim, eu tenho casos específicos de sofrimento no trabalho, pessoas que tentaram suicídio e não conseguiram e foram alvo de investigação qualitativa. Eu tenho um caso de cinco pessoas que participaram de uma entrevista e para analisar essas cinco entrevistas não precisou de nenhum tipo de software. Isso significa que este estudo teve menos qualidade do que se tivesse utilizado esse tipo de programa!? Não. Foi levado em consideração todos os critérios. Existem outras formas de fazer também uma confiabilidade de estudos qualitativos, como passar por juízes e tudo mais. Então assim, se eu tenho dois artigos e esses artigos são muito semelhantes e utilizou a mesma população com os mesmos critérios e eu tenho a mesma amostra, eu vou levar em consideração não o fato de se usou ou não usou um programa, eu vou levar em consideração em como foi que o pesquisador analisou os dados que ele estava em mãos. Porque as vezes aquele que estava com o programa ficou tão viciado, tão dependente dos recursos que o programa dá que ficou muito mais voltado para utilizar o que o programa fornecia para ele do que se a ter propriamente aos dados. Então as vezes a gente pega um recurso desse e a gente começa a mexer no programa e pensa: Ah, ele vai me dá uma nuvem de palavras, ah ele vai me fornecer um quantitativo de quantas vezes essa palavra apareceu no discurso do sujeito. E quando você vai fazer uma análise disso daí acaba sendo uma análise muito superficial. E uma pessoa que às vezes não utilizou o programa faz uma análise muito melhor.

E1: Certo, beleza. Eu queira que você me falasse então, o que na sua opinião confere qualidade a uma pesquisa qualitativa.

Levi: Porque... quando a gente fala de qualidade a gente tem uma subjetividade muito grande, como eu estava falando contigo logo no começo. Eu acho que quando você fala de qualidade na pesquisa qualitativa, primeiramente é você respeitar todos os critérios éticos que a gente demanda dentro da academia antes mesmo de se ater aos resultados. Então, qualidade na pesquisa qualitativa, e da quanti também, ela aparece muito antes do que um artigo, uma dissertação ou uma tese. Ela vai desde a hora em que você está planejando entrar em campo, por meio até desses critérios, de entrar no comitê de ética, de solicitar um TCLE, uma carta de consentimento e tudo mais. Mas eu acho que vai além disso, a qualidade via muito dessa questão do respeito que eu vou ter com a pessoa que está sendo entrevistada. De realmente fazer uma transcrição fidedigna, de levar em consideração o ambiente em que aquele entrevista está sendo feita, porque isso influencia completamente a forma com que a entrevista vai ser conduzida. Então, uma coisa é eu estar sendo entrevistado aqui dentro de uma sala num programa de doutorado em Administração e outra coisa seria se essa entrevista estivesse sendo realizada no jardim aqui fora. Então, acho que a qualidade ela sai de uma análise geral do contexto, não só voltado para o discurso, pro corpus, mas também para o

ambiente como um todo. E não fica tão preso a utilização ou não de um programa. Acho que vai além disso. Consegui responder mais ou menos a pergunta?

E1: Conseguiu sim! Eu tenho um checklist com alguns itens, certo?! E eu queria que você me respondesse. Queria que você considerasse a pesquisa que você considerou mais relevante sem usar o software e a pesquisa mais relevante usando o software. Então, tenho alguns critérios e você vai me dizendo se atende ou não a esses critérios, certo!? Com relação a triangulação de método, na pesquisa sem o software, você conseguiu realizar essa triangulação de métodos? De quanti com quali ou estudo de caso com outra...?

Levi: Sem o software foi só análise de conteúdo.

E1: E com o software você já fez essa triangulação?

Levi: Já

E1: Com relação à triangulação de teorias você já fez?

Levi: Sim, sem e com (software).

E1: E triangulação de fontes? Seriam, por exemplo, você pegar documentos e entrevistas... e você triangular isso aí. Você pegar tanto dados de documentos quanto e dados de entrevistas. Você chegou a fazer alguma pesquisa triangulando diferentes tipos de dados, diferentes fontes?

Levi: Sim, cheguei já. Sem e com o software!

E1: E com triangulação de investigadores, ou seja, outros pesquisadores que foram a campo com seus insights e troca de ideias?

Levi: Sim, existiam coautores nos trabalhos e eles analisaram os dados tanto no estudo sem software quanto no com software.

E1: Com relação a saturação teórica na pesquisa sem o uso do software, a usa amostragem alcançou a saturação teórica?

Levi: Cara, aquele negócio que eu estava falando, eu vim passar a utilizar o software agora no doutorado. Então... talvez uma ou duas pesquisas tenham alcançado a saturação teórica com o uso do software.

E1: Sem o uso do software?

Levi: Isso

E1: E com o uso?

Levi: Sim!

E1: Com relação ao feedback dos informantes, se você chegou a enviar a transcrição ou os resultados finais para as pessoas que participaram da pesquisa. No caso sem usar o software, você fez isso?

Levi: Sim!

E1: E também com o uso do software?

Levi: No caso sem o uso do software teve uma pesquisa em específico que foi dado uma devolutiva e com uso do software não precisou de devolutiva. Até porque os participantes, mesmo sendo informados que eles teriam direito e se eles teriam interesse, depois que foi feita a entrevista, um dos critérios de confiabilidade foi que as pessoas que estavam sendo entrevistadas, caso solicitassem, eles teriam acesso a transcrição da entrevista, mas nenhum deles chegou a solicitar.

E1: Entendi, certo! Com relação a validação da análise, por exemplo, a codificação, sem o uso do software isso foi repassado para os seus pares, seus colegas para eles revisarem essa codificação?

Levi: Sim, sem uso e com o uso de software. O QDA, por exemplo, é um programa que você consegue trabalhar... eu estou na minha casa, na minha residência, faço a minha análise e você está na sua residência e você pode entrar e ter acesso as codificações que eu fiz no arquivo por meio da sua senha e eu sei o que você modificou daquilo que eu tinha feito. Então isso dai acaba sendo um trabalho em conjunto sem necessariamente você estar preso no mesmo espaço. E sem o uso do não, ai a gente realmente numa mesa todo mundo junto, cada um faz uma análise e depois a gente para pra discutir ou então todo mundo discute junto. Aí depende muito da pesquisa, acho que cada pesquisa tem um ritmo diferente daquilo que você está estudando.

E1: Entendi! Essa facilidade de compartilhamento, de você poder fazer isso...

Levi: Com a utilização do programa foi como te falei...

E1: Isso agrega para a pesquisa de alguma forma na sua opinião?

Levi: Sim, praticidade, facilidade, agilidade, celeridade, várias coisas. Por que quando a gente está sem ai fica aquele negócio. Ah, te mandei o arquivo em anexo por e-mail. Ah, vamos marcar tal data pra a gente se encontrar na universidade para a gente discutir o que tá sendo analisado. Quando você tá com o programa você faz as modificações, em dois minutos você entra e já tem acesso a tudo que coloquei e você pode fazer as suas contribuições em cima das contribuições que eu já tinha feito no programa e ai a gente consegue trabalhar no mesmo corpus, no mesmo conteúdo sem necessariamente estar no mesmo local.

E1: E você considera que isso gera novos insights para a pesquisa?
Levi: E1, pode ser que surja sabe. Porque é aquele negócio, se eu faço uma análise de conteúdo que geralmente é o que a gente mais vê em análise qualitativa, é análise de conteúdo, é análise de discurso e a gente também trabalha muito com o uso de imagens. Ai no caso o Atlas.TI, ele acaba também auxiliando, mas como eu te disse eu nunca utilizei o Atlas, mas existem pesquisadores no meu grupo de estudo que usam. É aquele negócio, se eu estou fazendo uma análise na minha residência e eu acredito que pelo próprio ambiente que eu me encontro eu posso ter alguns insights bem diferentes de que se eu tivesse na universidade. Sabe aquele negócio que eu estava falando antes, que tu me falou no início, o que você considera qualidade na pesquisa qualitativa. Eu falei a questão da ética e até se você analisa o ambiente em que aquilo ali aconteceu. Então tá, se eu estou fazendo uma análise aqui na universidade e eu sei que daqui a trinta minutos eu vou ter uma aula ou vou ter um

compromisso e claro que com aquilo ali pode passar alguma coisa despercebido do que se eu tivesse na minha casa tranquilamente fazendo a análise e conteúdo. E também outra coisa, se eu estou utilizando um programa eu mando e rapidamente a gente consegue ter uma contribuição, um resultado de quantas pessoas tiverem como coautores. Quando a gente faz sem o uso de programa ai aquela dependência: quando é que você pode se encontrar? Quando é que a gente pode marcar uma reunião? Que horário? E aí acertar a agende de todo mundo sempre é complicado.

E1: Certo! Em relação a auditoria externa, você chegou a enviar para algum especialista em pesquisas qualitativas esses artigos para eles...?

Levi: Sim, no caso a gente utiliza a auditoria de pares.

E1: Que aí não seria um especialista, uma pessoa contratada para isso...

Levi: É não. No caso a gente mostra como foi à transcrição e mostra os conteúdos emergiram dessa transcrição. E ai esses auditores analisam e veem se realmente aquilo que tá transcrito bate com a categoria que você analisou.

E1: Certo. E nessas duas pesquisas sem o software, surgiu algum resultado que não era esperado?

Levi: Sempre, sem e com. E eu acho que isso é o mais bacana de você fazer a pesquisa quali. Como eu te falei, eu venho de uma origem totalmente quantitativa. A minha graduação foi quanti, o mestrado foi quanti e quando você vai pra campo com o questionário todo bonitinho você sabe que numa análise fatorial o que você vai esperar, você já sabe que numa regressão você já pode esperar. Enfim, você já tem mais ou menos uma base do que estar por trás daquilo ali, tanto é que no programa você "tortura" os dados para que ele dê o que você esperar. A gente sabe que acontece mais ou menos isso e que alguns chamam de bruxaria. Enfim, quando você vai com pesquisa qualitativa, aí é uma mudança de paradigmas por que quando eu comecei a estudar de uma forma qualitativa senti um peso muito grande porque você ir a campo com a segurança de você saber o que você pode esperar e você chegar entregar uns questionários e saber mais ou menos como vai trabalhar aquilo ali. Quando você vai pra quali[tativa] não, você vai com algumas categorias prévias, mas o bacana da quali[tativa] é exatamente quando começa a surgir categorias que você antes não esperava. E aí você vê o que muita gente defende, que a gente infelizmente ainda tem muito essa discussão do quanti e do quali[tativa]. A gente pensa que passa mas... acho que vocês tem isso como disciplina na administração eu tive isso no mestrado e estou tendo isso no meu doutorado. São discussões que infelizmente a ainda tem, mas que eu acho bem ridículo, porque quando você começa a entender a perspectiva qualitativa da não generalização e sim do particular do que é o individual, ai você sabe como é que a pegada é totalmente diferente quando você começa realmente entender e praticar o que é uma etnografia, fazer uma observação participante, teoria fundamentada, mas não só ficar em livro, é você realmente sair do ar-condicionado e ir a campo, é você realmente ir lá e coletar esses dados e vivenciar junto com aquelas pessoas que é isso que você começa a ver que poxa, mas isso aqui não teve nenhum estudo que mostrou isso. E as vezes assim, na pós-graduação nós somos exigidos muito pela literatura internacional. A primeira coisa que vão olhar quando você manda um artigo para uma revista eles vão logo nas referências e vão ver qual a literatura que você tá utilizando. Na sua tese de doutorado eles vão fazer a mesma coisa, vamos ver em quem que ele frisou. Beleza, mas quando você olha a particularidade daquela região as vezes é totalmente diferente do estudo que você utilizou, então eu estou utilizando um modelo na minha tese e esse modelo foi utilizado na Austrália e foi pesquisado também em Nebraska,

mas a realidade da minha população na Austrália e em Nebraska é totalmente diferente da minha realidade da população aqui do Rio Grande do Norte. Então é obvio que vão emergir categorias que nessas outras não tinham, e aí é bacana, esse é o tesão na pesquisa qualitativa que eu estou descobrindo ainda.

E1: Legal. Mas você de alguma forma relaciona o uso do software com surgimento de mais resultados inesperados.

Levi: Não. No caso eu estou utilizando porque a quantidade de entrevistas que eu pretendo utilizar é uma quantidade de entrevistas grande. Na verdade quando a gente fala que vai usar uma grande quantidade de entrevistas é até paradoxal, porque é como se eu tivesse dizendo que eu preciso de números para comprovar que minha pesquisa tem validade. Aí a gente volta novamente pra aquela questão do positivismo, da confiabilidade que eu preciso de quantidade para dizer que minha pesquisa é segura.

E1: Mas comparando essas duas pesquisas que você fez, sem e com? Tudo bem que são pesquisas com objetivos diferentes aí depende dos fatores, mas você relaciona o uso do software com o surgimento de mais resultados inesperados, as facilidades de repente...?

Levi: Como ele facilita a visualizar, o manuseio, a celeridade pode ser que ele venha a trabalhar e surgir coisas que você antes não notava, mas no meu caso específico eu não vejo que se um estudo qualquer tivesse utilizado um programa... nos estudo que eu fiz que não usei programa eu não vejo que se eu tivesse utilizado um programa eu teria categorias diferentes do que as que eu criei. Isso é até uma reflexão, na verdade eu estou pensando nisso agora. Depois que você submete o artigo e o artigo é aprovado, você dificilmente vai olhar e dizer, ah se tivesse usado um programa aqui e teria... Até porque eu vim aprender a mexer nesses programas recentemente. Como eu não utilizava programa, até porque não há demanda na graduação e na especialização. As vezes o aluno tem a dificuldade de usar o programa e o aluno tem aquela resistência de métodos quantitativos, foge como o diabo foge da cruz. Quando você fala em estatística, SPSS, equações estruturais eles saem correndo. Então, às vezes eles optam por uma pesquisa qualitativa pensando que elas vão ser mais fáceis e quebram a cara por que veem que há dificuldade. É outra perspectiva, mas é tão complicada quanto uma que utiliza estatística.

E1: Certo. Você falou aqui no meu checklist que você não usou os CAQDAS que você não a triangulação de métodos e com o uso do software você já fez essa triangulação. Você considera que de alguma forma o software foi responsável por você ter trazido essa triangulação? Ele influenciou?

Levi: Que ele influenciou, ele influenciou. Ele contribuiu, porque como eu falei, como a gente tem mais celeridade na análise de dados a gente tem essa facilidade, você consegue fazer um estudo multi métodos muito mais fácil. Então, quando eu tenho um programa em que pouco tempo eu consigo mais ou menos mapear quais são os conteúdos que podem emergir dali aí eu consigo pensar em alternativas que também podem vir a somar com o uso desse método, com o uso dessa técnica. Então nesse caso específico eu fiz com utilização do programa e somei com observação, somei também com entrevistas... e análise de documentos. Então o programa facilitou bastante, pois como ele tem essa celeridade você consegue pensar em outras técnicas que podem vir a somar.

E1: Com relação à reflexividade, comparando esses dois estudos sem e com, qual deles você considera que você conseguiu refletir melhor sobre os dados?

Levi: É aquele negócio, a gente está falando de momentos diferentes, de pesquisas diferentes e o pesquisador com uma maturidade diferente. Então se chegar pra você e falar utilizando o software eu consegui refletir melhor sobre a minha pesquisa do que antes, é obvio que eu consegui refletir melhor porque eu utilizei o software fazendo um curso de doutorado. Então a sua maturidade é totalmente diferente. É como se eu chegasse pra você e perguntasse a sua pesquisa no artigo de doutorado ou mestrado é a mesma do que quando você termina a sua graduação... Claro que você vai refletir muito melhor depois da maturidade que você tem agora. Então assim, eu não coloco isso dependendo do uso de um programa, eu não que eu vou refletir melhor porque eu utilizei um software específico. É claro que eu reflito melhor porque coincidentemente eu usei um programa específico e claro que eu estou em um nível de maturidade científica e teórica e como pesquisador, como pessoa diferente. Então, como antes as minhas pesquisas eram feitas em outro momento, talvez as reflexões desse estudo tivessem lacunas ai que hoje em dia se eu fosse olhar essas pesquisas com certeza eu iria observar coisa que antes eu não tinha observado. Mas eu não coloco isso dependendo exclusivamente por conta do programa.

E1: Com relação a metodologia e ao detalhamento da metodologia no relatório final, compreendo essa questão de serem pesquisas diferentes e ter maturidade de pesquisas diferentes, mas você considera que o software de alguma forma permite um maior detalhamento dessa maior metodologia?

Levi: Não. Eu acho que colocar detalhamento em metodologia dependendo da utilização de um programa, particularmente eu acho isso meio furado. Eu acho que com ou sem uso de um programa o detalhamento da metodologia ela tem que vir independente disso. Acho que aí já entra num rigor da cientificidade, então eu acho que com ou sem... Então é aquele negócio, às vezes a gente faz o estudo e a gente está tão preocupado em se ele vai ser aprovado ou não numa revista e a gente está tão preocupado se ele vai ter ou não qualidade, mediante a confiabilidade, que às vezes a gente esquece o que está por trás daquilo que a gente está pesquisando. Então, eu não colocaria o peso do estudo em relação ao programa que estou utilizando não.

E1: E aí então, só pra finalizar... a última pergunta... você já falou sobre isso no começo é só pra retomar. A gente queria saber na sua opinião o uso do CAQDAS confere, depois de tudo que a gente conversou, ele confere qualidade a uma pesquisa qualitativa?

Levi: Depende. Como te falei no começo. Mas eu não coloco o peso da qualidade dependendo de um programa. Eu tenho estudos que utilizam programas e a qualidade do estudo não é interessante, como eu tenho estudos que mão utilizam programas e que a qualidade e excelente. Então eu não gostaria e nem faço isso de colocar qualidade de uma pesquisa pelo fato dele utilizar um programa ou não. Porque as vezes quando a gente vai pra academia você submete o artigo a gente as vezes vê que os avaliadores olham muito isso. Ah, esse daqui utilizou um programa então pode ser que essa pesquisa tenha mais confiabilidade, aí é que tá. Mas particularmente não acho que o programa vá trazer mais confiabilidade. Claro, se eu tenho uma quantidade de entrevistas significativas ele vai facilitar a minha análise de resultados, mas o fato de facilitar a minha análise de resultados necessariamente vai dizer que ela tem mais qualidade...? Acho que não.

E1: Pegando dois pesquisadores num nível similar e com mesmo problema de pesquisa, realizando a mesma pesquisa um sem e outro com (software). Você acredita que os resultados com o uso do software pode gerar alguma coisa diferente?

Levi: Rapaz, é complexo falar isso porque é muito subjetivo. Porque mesmo problema de pesquisa, dois pesquisadores.... tá... mas vamos colocar um exemplo aqui eu e você. A gente está estudando a mesma coisa, sendo que você vai olhar para aqueles dados com o olhar de quem tá fazendo doutorado em administração eu vou olhar os dados como uma pessoa que tem uma bagagem da administração e tô fazendo doutorado em psicologia. A forma que você vai analisar vai ser uma análise diferente. Isso significa que a aminha análise vai ter mais qualidade do que a sua? Ah não, mas eu utilizei um software... tá eu não utilizei o software, mas eu me ative a determinadas coisas que você não conseguiu visualizar. Então, as vezes a utilização de um programa vem muito contida nela um marketing acadêmico. Então assim, ah eu vou querer que esse meu artigo seja publicado numa RAE, RAM ou RAC... mas eu vejo que os artigos que são submetidos para essas revistas eles apresentam o uso de algum software qualitativo. Ai vai muito da estratégia do pesquisador. Então, da mesma forma que eu vejo que tem artigos publicados com o uso de programas tem muitos artigos que não usam programas e a qualidade é excelente. Então é aquele negócio, é muito de como você vai analisar... o peso do que você tá pesquisando a análise intelectual é que vai fazer toda a diferença. Eu acho que o que faz a diferença não é o fato de ter ou não ter o programa. Você pode ter quarenta entrevistas cinquenta entrevistas e não utilizar programa nenhum. A forma dos seus dados, a forma intelectual que você fez isso foi muito melhor do que talvez uma que eu utilizei algum programa fiz quarenta cinquenta entrevistas coloquei uma nuvem de palavras, vi algumas categorias e fiz um marketing acadêmico ali pra ficar bonitinho pra visualizar os dados e tal... quando você coloca a árvore que o Iramuteq proporciona, quando você um artigo com palavras pequenas e com as grandes que tiveram maior frequência, poxa é bonito demais você pegar um artigo assim, mas e aí? O que está por trás daquilo, será que você conseguiu realmente discutir aqueles dados? Será que a reflexão que você fez por trás é uma reflexão segura, madura. Então é aquele negócio é muito subjetivo é muito relativo, mas nunca qualidade vem porque eu uso ou não uso um programa. A pesquisa qualitativa acho que o bacana é isso, o peso é muito do pesquisador. O pesquisador é quem faz total diferença, claro o entrevistado também. Tu disse no começo nossa entrevista vai ter uma duração de vinte a trinta minutos o que tu vai ter que transcrever ai eu acho que já passou disso não foi?

E1: 44.

Levi: Então tá tranquilo, porque eu já tive uma transcrição de cinco horas, então isso ai é tranquilo quase umas três semanas transcrevendo. Então assim cara, é muito relativo esse negócio de usar ou não usar um determinado programa. As vezes a gente coloca muita responsabilidade no uso da tecnologia e esquece que a pesquisa qualitativa ela vem lá dos primórdios, da etnografia e tudo mais. E que a gente precisa resgatar um pouco isso. É como se você, ah eu vou utilizar um programa, eu vou utilizar um software pois eu vou tirar um pouco a responsabilidade das minhas costas. Muita gente acaba pensando isso. Eu vou tirar a responsabilidade porque com o programa eu posso dar confiança por ter usado um programa específico, mas...

E1: Hoje em dia, você sempre usa o software? Ou só usa em casos que você tem muitas entrevistas?

Levi: Não. Só uso em casos específicos. Isso acontece no ano passado mesmo. Eu submeti um artigo a uma revista e não utilizei um software.

E1: E já tinha o conhecimento de como utilizar o software?

Levi: Sim. Porque no caso não eram transcrições muito grandes. Era uma análise de conteúdo de um questionário que tinha apenas uma questão aberta. E a pessoa tinha que escrever, mas

eram poucas linhas então não precisa utilizar um programa específico para fazer uma análise dessa. Então, visualmente foi mais tranquilo.

E1: Beleza Levi, eu agradeço muito a sua participação, você trouxe muitas coisas interessantes, muitas coisas interessantes mesmo e agradeço a participação fico aqui a sua disposição se tiver algo que quiser falar. Você já sabe qual o tema que a gente tá interessado em pesquisar, se surgir algo novo pode mandar pelo Whatsapp. Então é isso.

Levi: Obrigado também e sucesso aí para vocês.

[FIM DA TRANSCRIÇÃO]